

Arquivo pessoal



jornada nada fácil. Os estágios no Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário (Sinpaf) e no Serviço Geológico do Brasil (CPRM), além de uma breve passagem no Senai, foram fundamentais para que ela alcançasse o lugar dos sonhos: o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

“ingressei no Serviço Público, numa época que ainda não tinham cotas raciais. Trabalho em um órgão ambiental que necessita de pessoas negras para que mudemos os olhares. Posso citar uma colega minha, Ana Carolina Barradas, uma mulher negra que contribuiu bastante na mudança de paradigma na forma como encaramos a prevenção e combate a incêndios (a área onde atuo)”, destaca. Ainda assim, o caminho traçado até aqui foi árduo e suado.

Dificuldades financeiras, sobretudo durante a época universitária, foram dilemas vividos por Ramilla e pela família. Para se ter ideia, ela chegou a perder algumas oportunidades profissionais em empresas porque não tinha condições de chegar aos locais de trabalho, uma vez que o traslado da faculdade até o emprego não era fácil. Entretanto, apesar dos tantos obstáculos, estudar em uma universidade pública fez com que encontrasse realidades diferentes

Isso é algo de que não podemos fugir, especialmente quando crescemos entre brancos. Pessoas negras costumam ter de se esforçar muito mais para receber o mesmo tratamento de pessoas brancas”

Ramilla Correa Yamanaka, funcionária do Instituto Chico Mendes

e semelhantes. Assim, passou a perceber fenômenos sociais com mais nitidez.

“A pobreza tem cor, as mulheres que morrem em abortos têm cor, a população carcerária tem cor, a tomada de decisão tem cor. Até nas desigualdades, a cor influencia. Eu cresci num mundo onde as pessoas levavam em conta a aparência para conquistar oportunidades. E eu sempre soube que eu não tinha a aparência

correta. Felizmente, isso tem mudado”, acredita.

O impacto positivo também veio por contribuir com o próprio letramento racial. Conseguiu amadurecer e levar em conta os fatores raciais que influenciam sua vida até aqui. “Hoje sou servidora pública, tenho estudo, um trabalho estável e uma vida econômica significativamente superior. E continuo sofrendo racismo. Ainda sofro olhares em espaços, como se não devesse estar ali. Meu próprio esposo, que nem é negro, já se indignou com seguranças me seguindo sem indícios nenhum.”

A conquista da pós

Doutorando na Faculdade de Direito da UnB por meio das cotas raciais, Artur Antônio dos Santos Araújo e mestre em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Para ele, essas ações afirmativas são movimentos essenciais que visam à descolonização intelectual e a efetiva reparação histórica no país. O acesso inicial à universidade não pode se tornar um “teto” que impeça a ascensão social e intelectual completa da população negra.

Segundo ele, a importância de expandir as cotas para mestrado e doutorado reside no fato de que a pós-graduação é o nível onde se produz o conhecimento de alto nível. Ele defende que a política é um ato de justiça e um direito conquistado, e não um privilégio. “O objetivo é claro: garantir que o profissional negro ganhe o espaço para escrever a história do seu povo, pesquisar sobre si e não ser apenas tratado como objeto de estudo da elite intelectual branca”, conclui.

Ao analisar sua própria trajetória, o jurista descreve o ingresso no doutorado em direito na UnB por cotas como uma transformação radical de destino. Criado por mães e tias domésticas e pelo pai, que era auxiliar de serviços gerais, as humilhações na infância e na adolescência eram tragédias anunciadas. Sair desse lugar de exclusão social e racista parecia impossível, especialmente olhando para todas as pegadas deixadas para trás. Hoje, está na Secretaria de Educação Superior do MEC.

Entretanto, o passado antes do bonito presente também foi galgado de degraus conquistados com muito esforço. Artur foi funcionário do Banco do Brasil, coordenador-geral de Relações Institucionais do Ministério da Igualdade Racial, assessor parlamentar da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Pre-

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



O objetivo é claro: garantir que o profissional negro ganhe o espaço para escrever a história do seu povo, pesquisar sobre si e não ser apenas tratado como objeto de estudo da elite intelectual branca”

Artur Antônio dos Santos Araújo, mestre em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP)

sidência da República (SEPPIR/PR), além de outras passagens profissionais. Diante de um currículo tão extenso, essa trajetória contrasta, justamente, com tudo aquilo que viveu anteriormente e reforça, ainda mais, a importância dos estudos neste processo. “A cota racial não substitui o esforço, mas sim possibilita-o.”

Sem o apoio familiar e, fundamentalmente, sem a política de cotas, ele não teria alcançado

tal nível profissional e educacional. Artur alerta que as desigualdades raciais não terminam na graduação, mas tendem a se intensificar na continuidade que muitos dão às ondas acadêmicas. Araújo observa que, mesmo para candidatos negros qualificados, a concorrência é acirrada com profissionais que tiveram trajetória de vida profissional, educacional muito mais robustas.

Além disso, o eurocentrismo do currículo e a baixa presença de intelectuais e professores negros mantêm o ambiente excludente. “É urgente que as cotas sejam acompanhadas de políticas de permanência, visto que as desigualdades não se encerram com o ingresso”, ressalta. A presença de negros na pós-graduação é um catalisador de diversidade, criatividade e legitimidade para a academia e o mercado, refutando as críticas sobre a qualidade.

“Com isso, as ações afirmativas não acarretam prejuízo para a qualidade dos trabalhos acadêmicos como propagaram os racistas; ao contrário, trazem mais diversidade, criatividade e dinamismo ao câmpus”, encerra. O especialista aponta que a presença negra faz a universidade tomar consciência de sua própria condição excludente e reconhecer as relações étnico-raciais como estruturantes para a sociedade.